

Museu popular e acadêmico

Tornar a relação entre as comunidades acadêmica e indígena mais transparente, ética e solidária foi a motivação do debate realizado no Museu Universitário no mês de maio. "Retorno de coleções museológicas às comunidades de origem" trouxe lideranças Guarani à Universidade para ajudarem a definir o destino e o significado das coleções de artefatos indígenas

p. 10

Foto: Maria Luiza Gil



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Junho de 2010 - N° 411

Petróleo ganha instituto da UFSC no Sapiens Parque

Apresentado no final de 2009, o Instituto do Petróleo, Gás e Energia (INPetro) é resultado da parceria entre a UFSC e a Petrobras e soma investimentos de R\$ 32 milhões. A expectativa é de que a construção seja finalizada em dezem-

bro deste ano e o INPetro entre em operação em março de 2011. Até o final do segundo ano, espera-se gerar cerca de 150 empregos e, em longo prazo, contratar 500 pessoas e envolver cerca de 300 pesquisadores.

p. 6 e 7

Foto: Divulgação



Serão quase 9 mil metros quadrados divididos em uma área principal de laboratórios leves, que não envolvem a movimentação de equipamentos de grande porte, e outra de laboratórios pesados

Segurança: monitoramento contra o medo

Contando com 70 funcionários do quadro e 136 vigilantes terceirizados, a Segurança do campus se estruturou para enfrentar a violência e o roubo nos 11 centros de ensino, pes-

quisa e extensão. A UFSC também está se mobilizando para atender às novas demandas criadas com os campi de Curitibanos, Joinville e Araranguá

p. 8

Leitura

Mallarmé puxa projeto editorial
p. 9 e 11

Exposição

Alimentos do São Francisco
p. 12

Expansão

Haddad confere obras no campus
p. 4

Editorial

Comunicação pública na Universidade
p. 2

Destaque

Reconhecimento à produção científica
p. 5

Do Editor

Comunicando a comunicação

"Nunca tive a necessidade de aprender a viver. A esse respeito, já sabia de tudo ao nascer"

Albert Camus, em *A queda*

A equipe da Agência de Comunicação (Agecom) teve o privilégio de ministrar um curso sobre a Política Pública de Comunicação vigente na UFSC. Viabilizada pelo sempre atento Setor de Capacitação do Departamento de Desenvolvimento e Potencialização de Pessoas (DDPP), a oportunidade foi bem aproveitada por 20 pessoas da comunidade universitária.

Além de conceituar a Política e a filosofia da comunicação institucional, a equipe da Agecom apresentou as suas principais ações, projetos, propostas e produtos, procurando, assim, melhorar a sua interação com a comunidade universitária. Cada participante recebeu um kit para ter clareza sobre o que faz a Agecom no desafio diuturno de informar e divulgar a Instituição.

Em forma de diálogo, sem rodeios e floreios, os inscritos ficaram sabendo detalhes sobre o funcionamento e o acesso aos serviços da Agecom. Foram destacados, por exemplo, o *Jornal Universitário*, o site da UFSC, o Sistema de Identidade Visual, o Serviço de Jornalismo Científico, o Guia de Fontes, o Sistema de Comunicação Educativa, a *TV UFSC*, o Serviço de Fotografia, a Memória Fotográfica, a Divisão Administrativa e a Redação da Agecom.

Na mediação com os meios de comunicação, os jornalistas e os públicos internos, os participantes conheceram os critérios jornalísticos e deontológicos que norteiam a Política Pública de Comunicação da UFSC. Ficaram sabendo, por exemplo, que esse trabalho possui um entrosamento e uma fundamentação pautados no compromisso da UFSC com a sociedade.

A Política de Comunicação Social, numa concepção integrada, ampara-se na verdade e na real ocorrência dos fatos. Buscou, para tanto, respaldo e legitimidade na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Constituição, no Código de Ética dos Jornalistas e, no seu dia a dia, passou a incorporar também o Código de Ética do Servidor Público.

Informar o que a faz a Universidade é um dever; prestar contas é uma obrigação. Ser informado é um direito do cidadão. A universidade existe para ele, e não o contrário.



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Comunicação pública. Além de ganhar o livro *Santos e Pecadores* (EdUFSC), de Artemio Reinaldo de Souza, Jorge Duarte, da Secretaria de Comunicação da Presidência da República, recebeu a tese de doutorado de Paulo Liedtke, intitulada *Governando com a mídia: duplo agenciamento e enquadramento no Governo Lula (2003-2006)*. Jorge repassará a tese à equipe. Os originais do futuro livro encontram-se na EdUFSC.

E a vida continua. Perfeitamente readaptado à Universidade, Jorge Lorenzetti toca a vida e parte para o doutorado.

Terremoto. Um abaixo-assinado faz uma súplica à Reitoria: acabar com a buroqueira que domina os fundos da Imprensa Universitária. São tantos os buracos que alguns estão sentados nas janelas da SecArte esperando a vez para entrar no leito dos acessos. Assim fica até difícil reclamar do Dário!

Matas & cheias. Santa Catarina, mesmo diminuindo o desmatamento em 75%, continua em terceiro lugar no ranking nacional, superado apenas por Minas e Paraná. O INPE assinala que a queda deve-se à retratação da economia por causa das catástrofes naturais.

Leitura acessível. O tradicional Feirão da EdUFSC, na Praça da Cidadania, acontecerá no mês de agosto, na volta das férias.

Construção coletiva. Andorinha só não faz verão. Reitores provaram que a UFSC é o resultado da continuidade das Gestões. O programa da *TV UFSC* não deixa dúvidas.

Cinco estações. No campus da UFSC, como em Vermont, existem cinco estações: primavera, verão, outono, inverno e a estação da lama.

Antenado. Ex-reitor Caspar Erich Stemmer sugere a criação do curso de Engenharia de Papel e Celulose.

A volta da Cultura. *TV Cultura* voltará a operar em parceria com a *TV Brasil*. A boa notícia vem depois de estar 18 meses fora do ar.

Recaída. A PM, como nos piores tempos da ditadura, invadiu o campus da Udesc para prender estudantes contrários aos aumentos das tarifas de ônibus.

Gol de letra. Com a tradução de *Divagações*, de Stéphane Mallarmé, por Fernando Scheibe, a EdUFSC acabou marcando um golaço. Conquistou um espaço na coluna "O Melhor da Cultura em 12 Indicações", na recém-lançada *Ilustríssima*, da *Folha de S. Paulo*. O feito cai como incentivo ao visionário projeto editorial de Sérgio Medeiros.

Fez água. A saída dos Correios do Convivência da UFSC foi lamentada por 100% da comunidade universitária, que fixou no seu imaginário o selo dos 50 anos da Universidade.

Frase

Chegamos a dois anos de gestão tendo muito a comemorar; mas com a clara percepção de que ainda há muito por realizar nos próximos dois anos de mandato. Percebemos a UFSC com muita vitalidade e dinamismo e, sobretudo, madura e harmônica. (Alvaro Toubes Prata, reitor da UFSC)

Memória

com o signo do coração, que representa o cuidado, o carinho e, acima de tudo, o valor da vida, fazendo com que esses 30 anos sejam muito mais que um número, mas um grande motivo para comemorar".



Foto: James Tavares



Foto: Lucas Sampaio/ ND

Chuvvas destruíram casas nas cidades e praias da Grande Florianópolis

Radares da esperança

Em novembro de 2008 foi prometida a liberação de R\$ 15 milhões para a implantação do Sistema de Radares de Santa Catarina para prevenir desastres naturais. Em 2009 acidentes burocráticos não viabilizaram os recursos. O presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado, Diomário de Queiroz, acredita no prestígio da bancada catarinense e espera que a boa nova esteja encaminhada. Aposta-se na liberação dos recursos, nem que seja por Medida Provisória. Seria uma mão na roda do Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia de SC, vinculado à Epagri.

2010 marca os 50 anos da UFSC e os 30 do Hospital Universitário. A equipe do Sistema de Identidade Visual (SIV) da Agência de Comunicação (Agecom) da UFSC elaborou selo comemorativo a ser utilizado nos materiais do HU e em sites ou publicações de eventos e ações que tenham a participação do hospital.

O selo ganhou também seu próprio manual de identidade visual (disponível no www.identidade.ufsc.br/manual_idvisual.php), indicando sua aplicação em fundos colorido, monocromático e preto e branco. Os conceitos

utilizados para sua criação foram explicitados pela equipe, os estudantes de Design Maraysa Piskorsky Alves e Renan Moraes, orientados por Vicenzo Berti:

"Para o selo comemorativo de 30 anos do Hospital Universitário foi realizada uma pesquisa elaborada sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido pelos profissionais que fizeram a sua história.

Com foco na humanização do atendimento e priorizando o bem-estar e a saúde da família catarinense, o selo conta



Expediente

Elaborado pela Agecom - Agência de Comunicação da UFSC
Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970, Florianópolis - SC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323. Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:

Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/Redação:

Alita Diana (Jornalista)
Arley Reis (Jornalista)
Artemio R. de Souza (Jornalista)
Celita Campos (Jornalista)
Claudia Mebs Nunes (Bolsista)
Felipe Luiz da Costa (Bolsista)
Fernanda Burigo (Bolsista)
Gabriella Mendez Cardoso Bridi (Bolsista)
Ingrid Tabares Fagundes (Bolsista)
Mara Paiva (Jornalista)
Margareth Rossi (Jornalista)
Natália Izidoro (Bolsista)
Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke
Vinicius Schmidt (Bolsista)

Fotografia:

Carolina Dantas (Bolsista)
Maria Luiza de Oliveira Gil (Bolsista)
Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry
Tania Regina de Souza

Editores e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr
Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)
Beatriz S. Prado (Expediente)
Rogéria D'El Rei S. S. Martins
Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Floriprint



Redação oficial padroniza ofícios e memorandos

Comunicamos o lançamento do site de Redação Oficial, disponível em www.redacaooficial.ufsc.br, o qual pode ser acessado diretamente pelo respectivo banner na página da Agecom, com os modelos de ofício e memorando que a Universidade vem adotando e que devem ser seguidos por todos os setores da Instituição para a necessária padronização da escrita da correspondência oficial.

Os modelos apresentados seguem a orientação do Manual de Redação da Presidência da República, edição 2002.

O site disponibiliza acesso direto aos modelos de ofício e memorando, ao Manual de Redação da Presidência da República, ao texto do Novo Acordo Ortográfico, à bibliografia básica de Redação Oficial e de Língua Portuguesa.

Informamos que o Sistema Gestor de Capacitação (SGCA/UFSC) oferece em sua programação sistemática curso de redação oficial, o qual apresenta como objetivo capacitar os servidores para a escrita de textos de acordo com as normas de redação oficial.

A Secretaria-Geral do Gabinete do Reitor permanece à disposição para esclarecimentos, pelo telefone 3721-9573.

Recomendamos que este documento seja amplamente divulgado aos setores sob sua Direção, para que todos os servidores recebam as informações pertinentes e sigam as orientações.

Alvaro Toubes Prata - Reitor da UFSC



Becas, borlas e jabôs

No intrigante ensaio "A Invenção das Tradições", Eric Hobsbawm mostra como se inventam tradições a partir de raízes históricas fictícias. Irônico, analisa rituais, brasões, corporações e até o saio escocês. Curiosamente, esquece a mais legitimada matriz contemporânea de símbolos e signos culturais: a universidade.

Tradições universitárias têm sido inventadas e cultivadas no correr de quase dez séculos. Em se tratando de vestes rituais, são quatro linhagens.

A universidade escolástica mantém-se viva nas tradições clericais das universidades italianas e ibéricas. As vestes solenes das universidades ibéricas são ainda hoje negras e soturnas, recriando trajes das cortes mediterrâneas do século 17. Acompanham adornos indicadores de segmentos, nunca da universidade como um todo. Assim são as samarras, capuzes estilizados que não mais recobrem cabeças, que ostentam cores definidas para cada uma das faculdades.

A universidade britânica surgiu para a formação teológica da Igreja Anglicana. Chapéus ornamentados, capuchos, túnicas e capas coloridas são elementos identificadores de cada casa de ensino, mas não de escolas ou faculdades. Uma procissão acadêmica numa universidade anglo-saxã revela profusão de cores e formas, pois os docentes terão feito seu doutorado em diferentes instituições.

A universidade humboldtiana nasceu sob forte influência protestante, com raízes luteranas ou metodistas, sub-rogada pelo disciplinarismo prussiano. Nos seus trajes rituais, variados por universidades, e não por faculdades, predomina a cor cinza ou marrom. Agregam-se signos remanescentes do barroco alemão, introduzindo elementos como o arminho em semicapas que evocam uniformes militares.

A tradição francesa pouco valoriza a instituição universitária. A reforma bonapartista da educação concedeu às "grandes écoles" hierarquia mais elevada que à universidade. Por isso, na França, vestes talaras levam ao extremo o domínio simbólico das faculdades, sob a forma de faixas, sobrepelizes, pelerines e adornos sobre uma beca negra, lisa ou plissada. O "jabeau", peitilho com rendas e brocados, encimado por gravatinha borboleta branca, moda entre os gentis-homens da "belle époque", completa o vestuário de gala acadêmica.

No Brasil, quando faculdades e escolas politécnicas

foram fundadas no século 19, a influência francesa predominou como horizonte intelectual e estético. As primeiras instituições promovidas ao regime de universidade foram formadas pela unificação de faculdades.

Hoje, nas instituições universitárias brasileiras, a beca negra e lisa, com um tipo padrão de casquete quadrado com borla e jabô de renda bordada, predomina como veste talar para graduações, simulacro da tradição francesa.

Diferenciando os docentes, faixas, sobrepelizes e capinhas, estilizadas dos capuzes doutorais lusitanos, seguem a gramática de cores do contexto francês. Para distinguir o reitor, universidades brasileiras adotam uma cópia exata da samarra das faculdades conimbricenses, reinventada na cor branca. Com o branco, síntese de todas as cores, talvez se pretenda simbolizar o poder maior da reitoria sobre as faculdades e suas cores.

Recentemente, no Salão de Atos de Coimbra, os reitores das universidades brasileiras reuniram-se para fundar o Grupo Coimbra Brasil. Quase todos em suas becas pretas e samarras brancas, muitos com sobrepeliz de arminho, jabô, faixa, capelo ou borla. Aí descobriram que os reitores da Universidade de Coimbra, fonte de nossa tradição universitária, usam somente um conjunto de calças e jaqueta, negras e justas, pois despojam-se dos signos de suas faculdades ao assumir o cargo maior da instituição.

Temos aqui uma questão de duplo sentido: político e antropológico. A universidade brasileira continuará a se reconstruir como instituição de conhecimento. Para tanto, reforçaremos vínculos com universidades de outras linhagens que conosco compartilham os valores da civilização.

Mas isso não nos obriga a imitar suas tradições nem a criar, a partir delas, simulacros. Os que escolhem fazê-lo precisam saber a que remontam e o significado de rituais e vestes, sobretudo por seu impacto no imaginário social.

Becas, borlas e jabôs são apenas roupas que, em eventos solenes, representam pompa e tradição. Sozinhos, não garantem a excelência que justifica, à sociedade, nossa existência. Isso se conquista com talento, trabalho cotidiano e produção acadêmica competente.

Naomar de Almeida Filho

Reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Contra os buracos

Solicitamos encarecidamente à Pró-Reitoria de Infraestrutura a viabilização junto ao Etusc da pavimentação da área localizada no setor entre os prédios da Editora, da Imprensa Universitária (IU), do Núcleo de Manutenção, da Agência de Comunicação (Agecom), do Laboratório de Ensino a Distância (LED), do Restaurante Universitário (RU), do Departamento de Cultura e Eventos, da Comissão de Licitação e da Secretaria de Cultura e Arte (SecArte).

Tal área, apesar de esporadicamente ser plainada e reparada por máquinas, está constantemente em péssimas condições de trafegabilidade, ficando totalmente esburacada e muito poeirenta, causando não somente elevados prejuízos aos veículos que ali transitam e estacionam como também e principalmente aos equipamentos existentes nos Órgãos citados pela poeira provocada no local, deteriorando inclusive os livros da Editora.

Ressaltamos que determinada área é utilizada também para descarga de gêneros alimentícios no RU, entrega e recebimento de materiais nos demais órgãos e o único local existente para estacionamento dos que ali trabalham.

Importante mencionarmos que já existe no Etusc um projeto aprovado e encaminhado pela antiga Pró-Reitoria de Administração, na gestão do Sr. Mário Kobus, que determinava a pavimentação da referida área.

Abaixo-assinado encaminhado pelos diretores dos órgãos diretamente prejudicados pelo acesso tortuoso e pelo caótico estacionamento



Foto: Paulo Noronha

Buracos no estacionamento se renovam a cada chuva

Haddad reconhece obras de infraestrutura

Visita de cortesia do ministro deveu-se ao mau tempo que provocou o adiamento da inauguração oficial do Campus de Curitiba

Moacir Loth

Jornalista na Agecom

Com o adiamento da inauguração do Campus de Curitiba em função do mau tempo na região, o ministro da Educação, Fernando Haddad, aproveitou para fazer uma visita de cortesia à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, onde foi recebido pelo reitor Alvaro Toubes Prata. Haddad conheceu de perto obras de infraestrutura que somam mais de 54 mil metros quadrados só no Campus da Trindade. "Estamos assegurando os investimentos necessários para melhorar cada vez mais o ensino, a extensão e a pesquisa na Universidade", assinalou. O ministro confirmou presença em Curitiba na nova data de inauguração do campus a ser definida.

Fernando Haddad sublinhou que o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) deixou de ser uma promessa para ser uma realidade. "A evolução, em dois anos, foi espetacular. São mais de 3,5 milhões de metros quadrados de área construída em todas as Instituições Federais de Ensino Superior do País". Ainda sobre os avanços nesta área, lembrou que 12 novas universidades federais já estão funcionando, outra foi aprovada e uma encontra-se em tramitação no Senado.

O ministro cumprimentou a UFSC por organizar o maior concurso público para o magistério superior da sua história de 50 anos. A Instituição abriu 209 vagas, suprimindo as necessidades do campus de Florianópolis e dos três campi criados no interior (Curitiba, Joinville e Araranguá).



Foto: Claudia Mebs Nunes

Haddad: "Reuni deixou de ser uma promessa para ser realidade"

Ensino, Pesquisa e Extensão devem ser indissociáveis

Haddad relatou a preocupação do atual governo com a expansão e a qualidade do ensino em todos os níveis. "Os processos de avaliação têm buscado, por exemplo, a excelência das instituições". Citou o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) como "instrumento fantástico para a sociedade poder acompanhar o desempenho de toda rede de educação superior, tanto pública

quanto privada".

Além da prioridade dada às Federais, o MEC promete uma atenção especial para as universidades estaduais, procurando, ao mesmo tempo, enquadrar as instituições particulares nos requisitos exigidos para atingir "status de Universidade" (possuir pelo menos três mestRADOS). Acrescentou que as instituições precisam cumprir a Constituição, respeitando o princípio da

indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

Alertado pelo reitor da UFSC, o ministro enfatizou o esforço do MEC em relação à educação básica. "Está em andamento uma espécie de Reuni com os Estados e as Prefeituras através de um Plano de Ações Articuladas, plurianual, via Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)". O orçamento do Fundo hoje alcança R\$24

bilhões, o que equivale a uma vez e meia o investimento destinado ao conjunto das IFES. O MEC, segundo o ministro, acompanha e auxilia os 5.500 municípios brasileiros.

Ministro e reitor entendem que a Educação precisa "assumir a condição de Política de Estado", evitando, dessa forma, eventuais retrocessos nas mudanças de dirigentes e governantes.

UFSC banca economia com telefone e água

A partir de negociação com a Embratel, Pró-Reitoria de Infraestrutura diminuiu conta telefônica em 50%. Projeto piloto também prevê a instalação de torneiras e mictórios que reduzem volume de água consumido

Paulo Clóvis Schmitz

Jornalista na Agecom

Para dar conta de todos os investimentos necessários nesta fase de grande crescimento da UFSC, a Pró-Reitoria de Infraestrutura (Proinfra) vem realizando um esforço para conter gastos em itens que apresentavam despesas muito elevadas. A principal economia é no desembolso com telefone, a partir de uma negociação com a Embratel que permitiu um corte de praticamente 50% na conta a partir de maio.

O contrato firmado com a operadora, depois que a atual Administração Central assumiu, era de R\$ 70 mil para atender toda a Instituição, mas nos últimos meses a fatura vinha com valor próximo a R\$ 140 mil. "A empresa estava cobrando taxas de conexão que não foram previstas quando da licitação, em 2008", esclarece o pró-reitor João Batista Furtuoso.

"Somente nos meses de janeiro e fevereiro deste ano a própria Embratel admitiu ter cobrado R\$ 103.952,00 a mais na conta", informa o pró-reitor. Em março, o valor cobrado a mais foi de R\$ 73.645,00, e em abril foi um pouco inferior a isso. Desconfiado de que havia algum problema nas faturas, ele contratou uma consultoria para auditar essa conta e descobriu as despesas indevidas. Furtuoso lembra que até 2006 as despesas mensais com telefone giravam em torno de R\$ 170 mil. Em 2009, elas ficaram próximas a R\$ 130 mil, em média.

"Ainda não pagamos as contas de março e abril, porque a Embratel está fazendo a revisão nas faturas, já com os valores corrigidos", diz. A verba cobrada a mais deverá ser devolvida por meio de abatimento nas próximas faturas, e poderá ser aplicada no custeio de outras despesas afetas à Proinfra, como serviços de limpeza e conservação no campus.

Também serão periciadas as contas de 2008 e 2009. "Estimamos alcançar uma economia próxima a R\$ 1 milhão, considerando tudo o que foi cobrado a mais de 2007 para cá", afirma João Batista Furtuoso. "Só ao longo de 2010, deveremos economizar R\$ 800 mil com a normalização da cobrança".

Com ações simples como esta, ele considera possível conseguir grandes benefícios para a Universidade, embora admita que as despesas com telefone ainda sejam altas e que, com racionalidade, daria para reduzir ainda mais a conta. Por isso, será feito um investimento em Voip (voz sobre IP) corporativo, permitindo ligações gratuitas para outras instituições públicas federais. Esse serviço já existe, mas os 150 aparelhos atuais serão aumentados para 500 ainda em 2010.

Também é objetivo do pró-reitor de Infraestrutura reduzir o consumo de água,

motivo de um piloto que prevê a instalação de torneiras e mictórios que reduzem em até 50% o volume de água despendido no prédio. "Se o piloto der certo, vamos instalar esse conjunto de válvulas na universidade inteira, com um bom impacto financeiro e ambiental", afirma.



freepixels.com

Mais tecnologia

Outra melhoria prevista é a compra de um software que vai permitir a tramitação eletrônica de processos, reduzindo o consumo de papel e o tempo gasto em cada procedimento. Em julho já será possível dimensionar os resultados dessa medida. "Estamos investindo R\$ 1,5 milhão no software, mas em seis meses ele vai se pagar, pela economia alcançada", ressalta Furtuoso.

Nessa mesma linha, a rede de informática será melhorada com a instalação de novos computadores de rede (suítes). Com o investimento de R\$ 500 mil, será possível melhorar toda a rede da UFSC, conferindo-lhe maior velocidade de transmissão de dados e facilidades de conexão. Já a cobertura de wireless (rede sem fio) deverá atingir praticamente 100% do campus da Trindade, com investimento de R\$ 529 mil, fazendo com que os alunos realizem suas pesquisas em plena sala de aula, por exemplo. Além disso, todas as salas vão receber computador e projetor multimídia, melhorando as condições de trabalho dos professores.

Obras físicas

No momento, estão em andamento 54 mil metros quadrados de obras na UFSC, perfazendo investimentos de R\$ 31 milhões, e mais R\$ 30 milhões estão previstos para aplicação em outras construções. Os destaques são os blocos de salas de aulas atrás do Centro de Ciências Físicas e Matemáticas (CFM), que passam por fase de contratação das obras complementares, e no Centro de Ciências Agrárias (CCA). Destacam-se ainda a reforma do refeitório e a complementação da cozinha do Restaurante Universitário. Ao todo, segundo o pró-reitor, estão sendo projetados 56 mil metros quadrados de obras, que serão objeto de licitação ainda em 2010.

Nos novos campi, Curitiba está com as obras físicas praticamente prontas, e em Araranguá o segundo prédio está sendo entregue. Na sede, em Florianópolis, uma das metas é recuperar todas as

calçadas; outra é fazer a pintura externa das edificações, além de substituir as grades com problemas. Serão investidos R\$ 2,6 milhões nessas ações.

Para a Biblioteca Universitária, foi adquirido um sistema para a identificação de livros pelo sistema de rádio-frequência, com gasto de R\$ 1,5 milhão. Por meio de uma etiqueta com chip, será mais fácil localizar os livros no acervo e também fazer o auto-empréstimo. Além disso, a Universidade investe R\$ 2 milhões na compra de novos títulos.

A UFSC também está renovando seu parque de computadores, adquirindo 1.500 novos PCs. "Estamos fazendo um levantamento completo para atualizar os equipamentos, beneficiando os professores, os estudantes e os servidores", frisa o pró-reitor.

Informações: 3721-9537 / proinfra@reitoria.ufsc.br

Trabalho de Markus Nahas e Ivete Simionatto é reconhecido

Até dezembro, 11 professores receberão a distinção como forma de homenagear também seus centros de ensino

Arley Reis

Jornalista na Agecom

Na porta de sua sala, uma foto mostra o professor Markus Nahas pescando cocorocas na Baía Sul, em Florianópolis. Logo abaixo, ele avisa: "Se você não me encontrar nesta sala, pode ser que eu esteja em meu Laboratório de Qualidade de Vida, coletando dados".

A brincadeira é séria e mostra o foco do trabalho desse professor: "Eu trabalho pela promoção de estilos de vida mais ativos e saudáveis. Minha pesquisa é 100% aplicada, voltada para mudanças de comportamento, visando qualidade de vida", deixa claro o docente do Departamento de Educação Física da UFSC que recebeu o terceiro Prêmio Destaque Pesquisador no mês de abril.

Professor dos cursos de graduação e de pós-graduação em Educação Física da UFSC, Markus Vinicius Nahas é licenciado nesta área pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), fez seu mestrado na Vanderbilt University (EUA) e o doutorado na University of Southern California (EUA). Passou por dois estágios de pós-doutorado (em 1991 na Arizona State University e em 2000 na University of South Carolina), ambos no campo da promoção de estilos de vida ativos.

Natural de Florianópolis, entrou na UFSC em 1977. No Centro de Desportos coordena o Núcleo de Pesquisa em Atividade Física e Saúde (NuPAF), grupo formado em 1991, pioneiro nesta área no Brasil. A atuação do professor inclui trabalhos com os temas atividade física; saúde e qualidade de vida; promoção de estilos de vida ativos; lazer e saúde do trabalhador; medidas da atividade física e educação física no ensino médio.

Markus Nahas é sócio fundador e foi o primeiro presi-

dente da Sociedade Brasileira de Atividade Física e Saúde. Entre suas publicações está a quarta edição da obra *Atividade física, saúde e qualidade de vida – Conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*, livro-texto usado em diversas universidades brasileiras e adotado em unidades do Serviço Social da Indústria (SESI) de todo o país. Pesquisador 1C do CNPq, já ministrou palestras em 20 estados brasileiros e em oito países.

Entre seus mais relevantes trabalhos estão o projeto Lazer Ativo, (direcionado à promoção da atividade física entre trabalhadores da indústria) e Saúde na Boa (envolvendo estudantes do ensino médio noturno de Florianópolis e do Recife). A intervenção realizada a partir do Saúde na Boa foi financiada por um consórcio formado pelo International Life Sciences Institute, a Organização Pan-americana de Saúde e os Centros para Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos.

"O lazer ativo de Markus Nahas inclui o voleibol geriátrico das sextas-feiras e a pescaria de cocorocas", descreve o bem-humorado professor em seu currículo Lattes. O documento registra a produção de 15 livros ou capítulos, 67 artigos científicos e formação de 29 mestres e cinco doutores.

"O grande desafio para profissionais e pesquisadores que atuam na promoção da atividade física, visando uma melhor condição de saúde da população, é exatamente promover o que chamamos de lazer ativo numa sociedade que se transformou num verdadeiro paraíso do lazer passivo. Há uma concorrência "desleal" do lazer eletrônico e dos mecanismos poupadores de energia, mas é o nosso trabalho mostrar que dançar, caminhar no parque, jogar bola ou pedalar uma bicicleta, pode ser tão agradável quanto sentar para ver TV ou no computador – e muito mais saudável".

Foto: Maria Luiza Gil



O voleibol geriátrico das sextas-feiras e a pescaria de cocorocas fazem parte do lazer ativo de Nahas, conceito que ele aplica para promover a qualidade de vida

Premiação valoriza Serviço Social

"Entre áreas clássicas, o Centro Sócio-Econômico escolhe homenagear o Serviço Social e nos chama atenção para a importância desse campo, para a importância das causas sociais, nossas maiores causas". Elogiando a escolha do CSE e a trajetória da professora Ivete Simionatto, o reitor Alvaro Prata entregou o quarto Prêmio Destaque Pesquisador UFSC 50 Anos. No mês de maio a escolha coube ao Centro Sócio-Econômico, que indicou para receber a homenagem a professora do Departamento de Serviço Social.

"Agradecemos sua determinação no Curso de Serviço Social, no Departamento, no Centro Sócio-Econômico. Agradecemos por trabalhar por uma universidade melhor. Obrigado por formar pessoas que sabem buscar e sabem usar o conhecimento", salientou o diretor do Centro Sócio-Econômico, professor Ricardo José Araújo de Oliveira na cerimônia de premiação.

Recuperando a história de vida da homenageada, o professor lembrou de sua origem na cidade de Tangará, no Meio-Oeste de Santa Catarina, em uma família humilde, de tradição agrícola, que com dificuldades proporcionou o ensino superior aos filhos. Lembrou também do fascínio de Ivete Simionatto pela poesia e de seu primeiro emprego em uma livraria.

Emocionada, a chefe do Departamento de Serviço Social, professora Beatriz Augusto de Paiva, pontuou a vida acadêmica e a vocação intelectual da homenageada. "O trabalho de Ivete extrapola o espaço profissional e o campo do Serviço Social, contribuindo com a sociologia, a pedagogia e a ciência política", destacou.

"No caso do Serviço Social, boa parte



Foto: Cláudia Reis

O trabalho de Ivete extrapola o espaço profissional e o campo do Serviço Social, contribuindo com a sociologia, a pedagogia e a ciência política

dos seus estudos de maior fôlego privilegiaram a visão teórica da profissão, colaborando com a compreensão dos diferentes projetos profissionais, para iluminar desafios da intervenção e da prática do assistente social. Outra parte de seus estudos se volta para as políticas sociais, especialmente na área da saúde, que é um dos campos mais importantes de trabalho para o assistente social", lembrou Beatriz.

Natural de Tangará (SC), Ivete Simionatto graduou-se em 1977 em Serviço Social pela UFSC e ingressou como docente do Departamento de Serviço Social

em 1980. Atua nos cursos de graduação e de pós-graduação, tendo participado da formação de várias gerações de alunos, com orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso, Iniciação Científica e dissertações de mestrado. Foi protagonista na implantação do mestrado em Serviço Social da UFSC, em 2001, e hoje integra a comissão para a criação do curso de doutorado, o primeiro em uma universidade pública federal na Região Sul na área de Serviço Social.

Com doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-doutorado pelo Euro-

pean University Institute (Itália), é bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D do CNPq. Líder do grupo de pesquisa Estado, Sociedade Civil, Políticas Públicas e Serviço Social (Nespp) suas áreas de pesquisa envolvem temas relativos ao Estado, sociedade civil, hegemonia e classes subalternas, além de assuntos referentes às políticas e direitos sociais, formação e exercício profissional do assistente social.

Possui significativa produção científica nas áreas em que atua, com livros, capítulos de livros e artigos em revistas nacionais e internacionais, tendo como eixo teórico o pensamento do italiano Antonio Gramsci, tema de sua tese de doutorado. O trabalho foi publicado em 1995 na forma de livro, com o título *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social*. Em sua terceira edição, a obra é considerada referência para o Serviço Social brasileiro e latino-americano. (A.R.)

UFSC 50 anos

Integrado à agenda de comemorações dos 50 anos da UFSC, o prêmio Destaque Pesquisador UFSC 50 Anos é um reconhecimento a docentes da instituição por suas contribuições para o avanço do conhecimento e formação de recursos humanos. Este ano, 11 professores, coordenadores de importantes estudos em suas áreas, representantes dos 11 centros da instituição, receberão a distinção. A organização do Destaque Pesquisador UFSC 50 Anos é da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, com apoio da Agência de Comunicação e do Centro de Cultura e Eventos da UFSC.

UFSC constrói centro avançado de petróleo,

Expectativa é de que a construção seja finalizada em dezembro e o INPetro entre em operação em março de 2011. Até o final do segundo ano, espera-se gerar cerca de 150 empregos e, em longo prazo, contratar 500 pessoas e envolver cerca de 300 pesquisadores.

Natália Izidoro

Bolsista de Jornalismo na Agecom

A Universidade Federal de Santa Catarina UFSC está implantando no Sapiens Parque, no Norte da Ilha, o Instituto do Petróleo, Gás e Energia (INPetro). O avançado centro de pesquisa e desenvolvimento atuará em projetos, prestação de serviços e formação de recursos humanos.

Apresentado no final de 2009, o instituto é resultado da parceria entre a UFSC e a Petrobras e soma investimentos de R\$ 32 milhões. A expectativa é de que a construção seja finalizada em dezembro deste ano e o INPetro entre em operação em março de 2011. Até o final do segundo ano, espera-se gerar cerca de 150 empregos e, em longo prazo, contratar 500 pessoas e envolver cerca de 300 pesquisadores.

Focado nas áreas do petróleo, gás

e energia, o instituto tem a intenção de consolidar as pesquisas na área, trazendo visibilidade nacional e internacional para a UFSC e Santa Catarina. Também criará em seu entorno oportunidades para que empresas de base tecnológica sejam constituídas para explorar as aplicações em desenvolvimento.

A iniciativa está sendo viabilizada através de termo de cooperação entre a Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina (Feesc), UFSC e Petrobras, com recursos disciplinados pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). O coordenador de implantação, professor Armando Albertazzi Gonçalves, deixa claro que embora os recursos para a construção tenham vindo da Petrobras, o INPetro será um instituto da UFSC, com autonomia para decidir que projetos contratará.



Vista do bairro Canasvieiras, em Florianópolis, onde já está sendo construído o INPetro no Sapiens Parque; focando estudos em petróleo, gás e energia, o instituto tem a intenção de consolidar as pesquisas na área, trazendo visibilidade nacional e internacional para a UFSC e Santa Catarina

Reconhecimento e multidisciplinariedade

Foto: Lucas Sampaio



Sete grupos dos departamentos de Engenharia Mecânica, Automação e Sistemas e Química da UFSC participam da implantação do INPetro e trabalharão juntos, reunindo competências complementares essenciais no desenvolvimento de projetos avançados

A UFSC é a uma das universidades do país que mais recebe recursos da Petrobras, parceria que se fortalecerá com a instalação do INPetro. A estatal está sempre buscando cooperação com grupos de pesquisa capazes de responder à altura suas demandas, pois sabe que para desenvolver pesquisas de elevado nível são necessários recursos, laboratoriais e humanos, e que isto depende de alto investimento. "O fato da UFSC ter sido bem contemplada com recursos da Petrobras é fruto do reconhecimento de médio e longo prazo, da competência e seriedade de muitos grupos de pesquisa que por aqui atuam", reconhece Albertazzi.

Para o coordenador, o INPetro permitirá a ampliação da quantidade, da qualidade e da abrangência das pesquisas que se faz na universidade. A operacionalização de laboratórios equipados e as instalações permitirão abrigar, com qualidade, pesquisadores em quantidade suficiente para atender a uma demanda que deve naturalmente se ampliar.

Segundo Albertazzi, uma das maiores contribuições do INPetro será o desenvolvimento da cultura de trabalho multidisciplinar e em equipe. "Ele funcionará como um ponto de convergência, aproximando vários grupos que atuam em áreas distintas que se complementam, permitindo que projetos de maior amplitude e impacto possam ser desenvolvidos".

Sete grupos dos departamentos de Engenharia Mecânica, Automação e Sistemas e Química da UFSC participam de sua implantação e trabalharão juntos, reunindo

competências complementares essenciais no desenvolvimento de projetos avançados.

Estão envolvidos o Laboratório de Metrologia e Automação; Laboratório de Soldagem; Laboratório de Simulação Numérica em Mecânica dos Fluidos e Transferência de Calor; Laboratório de Controle e Automação; Laboratório de Combustão e Engenharia de Sistemas Térmicos e o Laboratório de Corrosão.

De acordo com o coordenador, dificilmente um projeto de engenharia pode ser bem resolvido se o foco da solução ficar restrito a uma área delimitada por um domínio especializado.

"Soluções muito mais ricas, e de maior impacto, podem ser encontradas se grupos com formações e culturas diferentes trabalharem de forma coordenada e integrada. Poderemos atuar com desafios muito maiores e de grande impacto para o país e para o mundo", esclarece Albertazzi. Para ele, essa é uma forma de trabalho que deve ser valorizada no INPetro, facilitada pela proximidade física.

Além disso, para o coordenador, é necessário fortalecer a capacidade de trabalho em grupo. "Estamos cientes que este é o nosso maior desafio. As equipes que estarão reunidas no instituto são experientes. Certamente aprenderam o que funciona bem e o que não funciona em pesquisa. Ao inaugurar um novo instituto temos uma chance de levar conosco aquilo que consideramos bom e 'barrar' o que já percebemos que não funciona. Não queremos perder a oportunidade de começar bem para poder preservar a cultura do que é bom", destaca Albertazzi.

gás e energia no Sapiens Parque

50 empregos e, a longo prazo, contratar 500 pessoas e envolver cerca de 300 pesquisadores



Espaço físico adequado

Concebidos com elevados padrões de eficiência energética, os "prédios verdes" têm como características o aproveitamento da ventilação e insolação natural e o reaproveitamento da água da chuva.

Serão quase 9 mil metros quadrados divididos em uma área principal de laboratórios leves, que não envolvem a movimentação de equipamentos de grande porte, e outra de laboratórios pesados. Cerca de 520 metros quadrados estão reservados para laboratórios multidisciplinares, uma biblioteca especializada, um auditório e salas de reunião e de trabalho para acomodação de 50 pesquisadores permanentes e cerca de 120 temporários (alunos de graduação e pós-graduação).

O prédio de laboratórios leves terá quatro andares e um ático. Serão abrigados 20 laboratórios, dentre eles os de instrumentação, visão computacional, sensores ópticos, corrosão, combustão, escoamento, automação, sensores inteligentes e robótica. Já o prédio de laboratórios pesados abrigará dez salas para ensaios de dutos, soldagem robotizada, soldagem a laser e uma grande área para projetos multidisciplinares.

Será também montado um tanque experimental, para desenvolvimento de um sistema de visão submarina para monitorar estruturas e auxiliar no reparo de cascos de navios. Estão ainda previstos três poços secos com 120 metros de profundidade, para testar técnicas de bombeamento de petróleo.



Os prédios foram concebidos com elevados padrões de eficiência energética. O aproveitamento da ventilação e insolação natural e o reaproveitamento da água da chuva são algumas das características que os enquadram como "prédios verdes"

O INPetro no lugar certo

No início, foi considerada a ideia de implantar o INPetro no Campus da UFSC na Trindade. No entanto, como o complexo é amplo (8.800 metros quadrados de área construída), não foi encontrado um terreno amplo o suficiente.

Em função dos problemas logísticos decorrentes da distância de 24 km do parque ao campus da Trindade, a construção na área doada à UFSC trouxe um posicionamento contrário de alguns grupos da universidade. No entanto, segundo Albertazzi, esta dificuldade será amenizada com a disponibilização pelo Sapiens Parque de um transporte regular entre universidade e o instituto.

Nas conversas com os dirigentes do Sapiens Parque, o reitor Alvaro Prata conquistou a doação de uma área no parque com potencial construtivo de 250 mil metros quadrados para abrigar futuras unidades avançadas de pesquisa da UFSC. O INPetro é a primeira, mas já há uma segunda em desenvolvimento: o Instituto de Fármacos.

"Em breve, o INPetro estará cercado por vizinhos de alto nível, contribuindo para a criação de uma aura de alta tecnologia, que é uma das componentes perseguidas na concepção do Sapiens Parque", antecipa.

Para Albertazzi, a construção nesse local tem dois outros aspectos positivos que devem ser destacados: a possibilidade de expansão e a criação de empresas. "A disponibilidade de área física

para a construção de novas unidades, por exemplo, motivadas por demandas específicas do Pré-Sal, é uma possibilidade para a qual não devemos fechar as portas. Não pretendemos ampliar o INPetro a curto prazo, mas do futuro, ninguém sabe", afirma.

O outro elemento importante para o coordenador é estar no ambiente propício para a criação de novas empresas de base tecnológica. "O Sapiens Parque tem naturalmente essa vocação. A proximidade do INPetro certamente será mutuamente benéfica", lembra o coordenador.

Segundo ele, a expectativa é motivar e dar apoio a alunos para constituírem novas empresas de base tecnológica a partir dos trabalhos que desenvolvam no INPetro.

"Este processo se afina com o modelo de trabalho da Petrobras, fortemente baseado na terceirização. Uma nova tecnologia desenvolvida no âmbito de um projeto de pesquisa pode se tornar a âncora para a criação de uma nova empresa, envolvendo os alunos, que irá licenciar e explorar comercialmente um produto na forma de prestação de serviços ou fornecimento de novos equipamentos. É uma mão dupla que favorece os dois lados", comemora o professor.

Mais informações: Telefone: (48) 3239-2030 / albertazzi@labmetro.ufsc.br



Juntos, o prédio de laboratórios leves (direita) e o de laboratório pesados (esquerda) somam 8.700 m² de área construída. O prédio maior, além de 20 laboratórios, terá espaço também para acomodar 50 pesquisadores permanentes e cerca de 120 pesquisadores temporários (alunos de graduação e pós-graduação). Já a edificação menor contará com dez laboratórios e piscina de testes para desenvolvimento de sensores, robótica e soldagem subaquática

Segurança no campus para conter roubos e violência

Hoje 70 funcionários do quadro de seguranças e 136 vigilantes de empresas terceirizadas monitoram in loco os 11 centros de ensino, pesquisa e extensão

Gabriela Bridi

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Desde 2008, por decisão do reitor Alvaro Prata, a Central de Segurança da Universidade tornou-se Departamento de Segurança (Deseg). Até então, a função era exercida por um cargo de confiança indicado pelo reitor. Esta é a primeira vez na história da UFSC que um profissional de segurança do quadro (Leandro Luiz de Oliveira) assume a direção.

Hoje, 70 funcionários compõem o quadro de seguranças, metade deles em processo de aposentadoria. Além desses, há 136 vigilantes de empresas terceirizadas que monitoram *in loco* os 11 centros. Para prosseguir o atendimento em toda universidade, inclusive nos campi de Araranguá, Curitiba e Joinville, serão contratados mais profissionais terceirizados.

O Deseg trabalha com atendimento de ocorrências 24 horas, monitoramento através de equipamentos eletrônicos e

rondas constantes pelo campus. Para o patrulhamento, dispõe de três viaturas e duas motocicletas. Atualmente, a UFSC já possui 800 câmeras instaladas, que mandam imagens diretamente para a Central do Departamento, na Prefeitura do Campus. Todas as imagens recebidas são monitoradas por duas pessoas, que, quando notam alguma ação suspeita, acionam a Segurança. Recentemente foram adquiridas mais 400 câmeras que serão distribuídas estrategicamente para prevenir furtos e identificar suspeitos.

A instalação de câmeras e a presença constante da Segurança fizeram com que o número de arrombamentos diminuísse. Em 2008 foram registrados 33, enquanto que em 2009 ocorreu somente um. Os alarmes também são um método de prevenção. Em toda a UFSC, 4500 salas já estão protegidas. Quando o alarme é acionado, uma equipe desloca-se para o local e apura se houve dano ao patrimônio da universidade.



Fotos: Carolina Dantas

400 câmeras extras irão ajudar a prevenir furtos e identificar suspeitos



"Ocorrências tendem a migrar quando se aumenta o policiamento", explica o diretor do Departamento de Segurança, Leandro Luiz de Oliveira

Festas devem ter "plano de segurança"

A Segurança do Campus deve ser comunicada quando há festa. Faz-se então um plano de ação de acordo com o número previsto de pessoas, e o Deseg disponibiliza viaturas para o patrulhamento. Mas não há controle de quem entra ou não, e por ser um espaço aberto e público festas que tinham previsão de 300 pessoas acabam com mais de mil.

O professor Felício Wessling Margotti, diretor do Centro de Comunicação e Expressão, resolveu, por exemplo, encaminhar todos os pedidos de festas que chegam a ele para o Conselho Universitário devido às reclamações da comunidade e danos causados ao patrimônio da universidade. Os últimos três pedidos foram negados pelo CUn, sob a alegação de que as festas eram incompatíveis com o ambiente universitário. Os alunos que desobedecem ao aconselhamento estão sujeitos a processos administrativos.

No dia 19 de abril deste ano, a delegada Lúcia Maria Stefanovich, do 5º Distrito de Polícia, mandou um ofício à ouvidoria da universidade pedindo a redução de quantidade de festas, devido às inúmeras reclamações das comunidades do bairro Carvoeira, Serrinha, Pantanal e Trindade.

Há dois tipos de festas que podem ser realizadas na UFSC. A festa em Unidade é realizada em espaço da unidade

universitária, como os Centros, e podem acontecer de quarta à sexta-feira, após o término das aulas, com duração máxima de quatro horas. A festa universitária ocorre na Praça da Cidadania, ou na Concha Acústica, e pode acontecer somente nos finais de semana ou feriados, das 14 às duas horas.

O som de ambos os tipos de festa não podem ultrapassar 55 decibéis em horário diurno e vespertino, e 50 decibéis em período noturno. Em festas dentro da UFSC é proibida a venda de bebidas alcoólicas a menores de dezoito anos, bebidas destiladas e embaladas em garrafas de vidro.

Cabe à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) a coordenação das ações necessárias à adequada realização das festas na universidade. Além disso, a Polícia Militar deve ser previamente comunicada.

Para poder realizar a festa, é preciso preencher formulário de solicitação na PRAE com 25 dias de antecedência e agendar o evento. Ele deve ter autorização da direção do local, no caso de um dos 11 Centros, aprovação do plano de segurança do Deseg, e requerimentos para obter declaração da Delegacia de Polícia Civil, licença da Gerência de Jogos e Diversões e protocolo do Comando Geral da Polícia Militar. Com a posse de todos esses documentos, o pedido será avaliado pela PRAE.

PM dentro do campus?

Veículos deixados abertos nos estacionamentos são outro problema que o Deseg tenta resolver. Durante a ronda, os vigilantes encontram, por noite, cerca de dez carros com os vidros ou portas abertas, e dificilmente conseguem localizar o proprietário para fechar o carro e evitar furtos.

O Deseg já tem acesso à Rede Infoseg, sistema do Ministério da Justiça, conectado via internet a banco de dados para consulta de informações de veículos, condutores, armas e mandados de segurança de qualquer estado. Isto facilita a identificação de suspeitos que estejam agindo dentro da universidade. O DetranNet, ligado ao Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), também é utilizado, e permite localizar o proprietário a partir da placa e avisá-lo, por exemplo, quando esquece o carro aberto em estacionamento da UFSC.

De acordo com o Plano de Carreira, compete à segurança da UFSC exercer vigilância nas entidades, rondando suas dependências e observando a entrada e saída de pessoas ou bens, para evitar roubos, atos de violência e outras infrações. O Chefe do Deseg, Leandro Luiz de Oliveira, Bacharel em Direito, recomenda que em qualquer momento a segurança seja comunicada, e lembra que, dependendo do caso, acionará a Polícia Militar ou a Polícia Federal.

Com os acontecimentos do último mês, em que uma aluna foi assaltada dentro das dependências do curso de Arquitetura, e de dois estudantes do Colégio de Aplicação que foram assaltados na saída da aula, discute-se a presença da Polícia Militar auxiliando a Segurança da UFSC. Após esse eventos, o Deseg colocou uma viatura a mais na saída do Colégio de Aplicação, mas segundo Oliveira, as ocorrências tendem a migrar quando se aumenta o policiamento. Ele afirma que a equipe vigente não é suficiente para disponibilizar um vigilante em cada ponto da UFSC.

De acordo com o Parecer nº GM-25, por competência, a PM tem por

função primordial o policiamento ostensivo e a preservação da ordem pública. Não há lei que impeça ou limite a ação da PM dentro do campus. Se a ocorrência estiver dentro de sua competência legal, ela será acionada. O mesmo acontece com a Polícia Federal, responsável pela preservação da ordem pública e do patrimônio da União. Quando há furto em algum laboratório da UFSC, ou denúncia de tráfico de drogas dentro do campus, por exemplo, a PF é chamada a assumir a investigação.

O Diretório Central de Estudantes (DCE) não é contra a presença da Polícia Militar no Campus, desde que seja para preservação da segurança da comunidade acadêmica. Porém, não concorda com a entrada da PM como método de intimidação para repressão de manifestações.

O Professor José Carlos Cunha Petrus, Chefe do Gabinete do Reitor, diz que em situações de emergência, como tiroteio, por exemplo, a PM deve entrar na universidade. Porém, fora desses casos, o professor Petrus afirma que a polícia só pode entrar para ações por determinação do reitor. "É como se a UFSC fosse uma cidade", explica o professor Petrus, "se pegar fogo na sua casa, os bombeiros vão entrar sem a sua permissão, mas se não há nada de errado acontecendo, não vão entrar". De acordo com o Chefe de Gabinete, a violência dos bairros ao redor da universidade tem reflexos no campus.

Para Marino Mondek, secretário geral do DCE, um dos passos para diminuir a violência é a integração da universidade com as comunidades que a cercam. "A UFSC deve trabalhar no problema, e não excluir-se dele", alerta.

O site do Deseg já está no ar, e traz informações sobre telefones úteis e dicas para se proteger na rua, no carro, em festas, em casa e cuidados com crianças. Traz também a ferramenta de BO online para alunos, professores e servidores, sendo necessário apenas login e senha: www.deseg.paginas.ufsc.br

Editora da UFSC publica obra inédita de Mallarmé no Brasil

Divagações foi o livro escolhido para ser o carro-chefe da nova política gráfica e editorial da EdUFSC

Raquel Wandelli
Jornalista na SecArte

Ele representa para a literatura moderna e contemporânea o que Cézanne representa para a pintura. A obra do francês Stéphane Mallarmé marcou as artes e o pensamento vanguardista do século XX, a ponto de Michel Foucault dizer que esse "pequeno professor de inglês", nascido em 1842, iniciou a literatura propriamente dita.

Divagações, o livro de ensaios com a exposição mais completa e radical do seu pensamento e o único realmente organizado por Mallarmé, reúne uma preciosa coleção de textos de classificação indefinível que são um enigma de tão profundos e belos. E é essa obra emblemática e monumental, pela primeira vez traduzida para o português e publicada no Brasil graças ao desafio hercúleo de Fernando Scheibe, que a Editora da UFSC, agora sob a direção de Sérgio Medeiros, escolheu para ser o carro-chefe de sua nova política gráfica e editorial com a qual pretende alcançar um padrão de excelência nacional e internacional.

Fruto de uma pesquisa de seis anos de pós-doutoramento de Scheibe na Faculdade de Educação da Unicamp, sob a

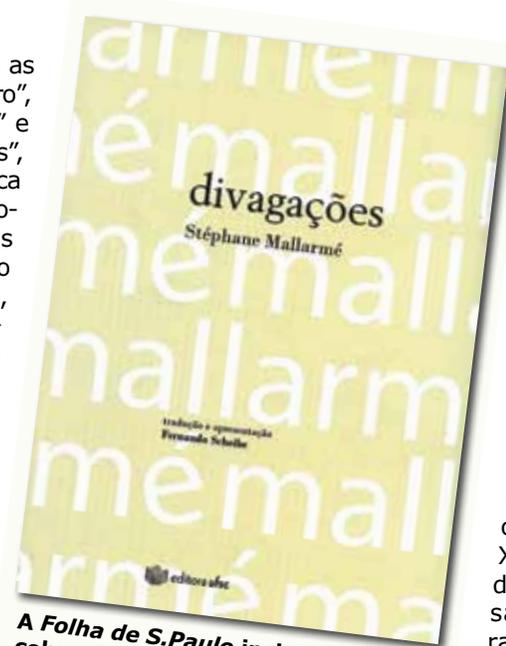
supervisão do professor Joaquim Brasil Fontes e bolsa da Fapesp, a tradução permite que se revisitem hoje as ideias e as posições estéticas de Mallarmé. Autor considerado um divisor de águas entre a literatura romântica e moderna, o poeta-inventor é, no entanto, tradicionalmente refém de alusões genéricas ou fetichizadas. Em sua apresentação, o tradutor dialoga com a apresentação do autor no original: "Publicado na França em 1897, pouco tempo antes da morte do poeta, 'Divagações' reúne textos 'em prosa' escritos por Mallarmé ao longo de toda sua vida.

(...) Embora seja uma grande bricolagem, um grande pasearse aqui e acolá ao longo de mais de trinta anos, "as Divagações" aparentes tratam um tema, de pensamento único. Qual?, pergunta Scheibe. E ele mesmo responde: "As possibilidades políticas da poesia."

Na aguardada tradução do "rodopio de textos" classificado pelo apêndice de Joaquim Fontes como monstruoso, na acepção grega de maravilha, unem-se poemas em prosa que o autor chama de "Anedotas ou poemas". Fazem parte da coletânea ainda o resumo de uma novela fantástica inglesa; divagações sobre Wagner, Baudelaire e Poe, crônicas teatrais nominadas de

"Rabiscado no teatro"; as seções "Quanto ao Livro", "O mistério das letras" e "Grandes fatos diversos", onde coloca em prática um jornalismo que "anote os acontecimentos sob a luz própria ao sonho". Humor, poesia, filosofia, refinamento literário, erudição e uma agudez de espírito arrebatadores marcam esse compêndio onde as orações parecem mais aforismos, ao mesmo tempo densos e leves.

Frequentemente citado como o poeta de "Um lance de dados" ou "O virgem, o vivaz e o belo hoje", Mallarmé teve sua prosa raramente considerada, embora seja "parte fundamental da formulação do trabalho do autor, tanto por ajudar a dar-lhe sentido quanto por dar corpo e estilo singulares a seu projeto de 'poesia crítica'", como



A Folha de S. Paulo incluiu a obra na coluna "O melhor da cultura em 12 indicações" (Ilustríssima de 06/06)

assinala Marcos Siscar, em outra resenha que consta do apêndice da edição. Ora usado como fetiche do experimentalismo, ora acusado de hermetismo e esteticismo sem consciência política na recepção crítica de sua obra no século XX, *Divagações* desautoriza essas apropriações rasas. Siscar cita Henri Meschonnic: "Reler Mallarmé, sua prosa reflexiva, é um alívio depois

de tantas glosas, porque seu jorro, seu gestual, permite-nos ouvir a inteligência e esta mistura tão própria de humor e ironia", aos quais se acrescenta "uma inteligência da sociedade e do político".

O abre-alas da reformulação estética

Pensadores como Walter Benjamin, Foucault, Derrida, Deleuze reconhecidos vanguardistas que construíram obras emblemáticas a partir da transformação do legado intelectual de outros autores. "Mas Mallarmé, assim como Baudelaire, Rimbaud e Nietzsche, figuram entre os profetas, porque anunciaram um tempo sem matéria antecedente, praticamente criando sua matéria-prima", analisa o entusiasmado editor Sérgio Medeiros, finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura. Em 12 de julho a editora vai brindar os cinéfilos com o lançamento dos Ensaíes Críticos de Rogério Sganzerla, o genial cineasta catarinense, diretor de *O Bandido da Luz Vermelha*. O pacote-presente denominado "Edifício Rogério", patrocinado pelo Itaú Cultural e Pró-Reitoria de Pós Graduação, inclui dois volumes de reflexão e crítica e será lançado em São Paulo com a participação de Gilberto Gil. Mallarmé, o abre-alas dessa reformulação ética e estética, foi eleito como referência fundamental

por grandes artistas e críticos brasileiros a exemplo de Augusto e Haroldo de Campos e Mário Faustino e inspira a obra de pensadores como Jacques Derrida, Alain Badiou, além de Foucault e tantos outros.

O namoro com *Divagações* começou quando a tradução ainda estava sendo gestada pelo jovem doutorando de Literatura da UFSC, que empreendeu um desafio evitado até por grandes especialistas e herdeiros da obra de Mallarmé. "Eu disse a Fernando Scheibe que quando concluísse o livro eu o ajudaria a encontrar editor", conta. Ao assumir a direção da Editora da UFSC junto à Secretaria de Cultura e Arte, em março deste ano, foi Scheibe o primeiro autor contatado por Medeiros para estrear um projeto editorial que inclui traduções inéditas e arranjos novos de ensaios de Jean-Luc Nancy, Linda Hutcheon, Pierre Bourdieu, León Portilla, Mario Perniola, entre outros nomes internacionais que cederam direitos autorais para a editora catarinense. Todos primam por uma

qualidade de edição, capa, revisão e diagramação impecável em papel pólen e paginação vertical. Nada mais justo do que eleger como estrela-guia dessa constelação o autor de textos – ou seriam versos ao ritmo da leitura? – que encerram uma vida feita da espera pelo encantamento da palavra literária, tomada pelo esforço silencioso de construir um livro em que a linguagem se integrasse perfeitamente ao objeto e com esse propósito reinventou o próprio livro:

"Agora mesmo, em abandono de gesto, com a lassidão que causa o mau tempo desesperando uma após outra tarde, fiz recair, sem uma curiosidade, mas parece-lhe ter lido a tudo eis já vinte anos, o afilado de multicores pérolas que a chuva folheia ainda, ao reluzir das brochuras na biblioteca. Muita obra, sob os vidrilhos da cortina, alinhará sua própria cintilação: gosto como no céu maduro, contra a vidraça, de seguir luzires de tempestade." Fragmento de "Crise do Verso", de Stéphane Mallarmé.

Chris Dunn revisita contracultura brasileira

Com uma pesquisa entusiasmada e cuidadosa sobre os desdobramentos da contracultura na sociedade brasileira e várias publicações sobre o assunto, o professor norte-americano Christopher Dunn, tornou-se um grande divulgador atual do movimento Tropicália, de aparição emblemática no Brasil dos anos 70, de onde saíram canções originais e representativas de um novo modo de encarar a relação com a cultura estrangeira e de fazer arte sob a égide da opressão, como em *Sobre a cabeça os aviões Sob os meus pés os caminhos Aponta contra os chapadões Meu nariz Eu organizo o movimento Eu oriento o carnaval Eu inauguro o monumento no planalto central Do país*, de Caetano Veloso.

Doutor em Estudos Luso-Brasileiros pela Brown University, Dunn deu uma mostra do seu trabalho em duas conferências proferidas no auditório da Reitoria da UFSC, nos dias 24 e 25, que atraíram especialistas na cultura

pós-Golpe Militar de diversas áreas (música, literatura, cinema, artes plásticas, sociologia, antropologia) e culminaram em ricos debates refutando a tese da passividade política dos tropicalistas em oposição ao engajamento da música de protesto encabeçada por Chico Buarque. As palestras *Eu expliquei pro polícia tudo: Waly Salomão e a contracultura brasileira* e *A arte é uma extensão do corpo e Três Modernidades Tropicalistas* integraram o ciclo O Pensamento no Século XXI, promovido pela Secretaria de Cultura e Arte da UFSC com apoio da Pró-reitoria de Pós-Graduação.

Autor de *Brutalidade Jardim: A tropicália e o surgimento da contracultura brasileira*, publicado pela editora da Unesp, Dunn veio a Florianópolis pela primeira vez, na sequência de uma série de conferências e minicursos no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador e também nos Estados Unidos para jovens e estudiosos interessadíssimos nas manifestações culturais brasileiras do período ditatorial e da última grande e influente

movimentação artístico-cultural do modernismo no Brasil, já impregnada pela dispersão, apreço pelo efêmero e fragmentação da pós-modernidade. Morando na Bahia desde agosto com a mulher e os dois filhos, Dunn prepara um novo livro sobre contracultura, no qual enfoca a posição singular de Waly Salomão, autor da metáfora: 'A memória é uma ilha-de-edição' e do Programa Fome de Livro, como reforço do programa Fome Zero ao participar da gestão do Ministério da Cultura sob o comando do também tropicalista Gilberto Gil.

Para o professor dos cursos de Cinema e Literatura da UFSC, Jair Fonseca, que este semestre ministra um curso sobre Tropicalismo e foi debatedor da conferência, a grande contribuição de Dunn está em visitar e iluminar os aspectos inauditos, inéditos e mesmo malditos da Tropicália quando relacionados a elementos da cultura marginal e da África pós-diáspora, sobretudo em Wally. Durante o encontro com a secretaria de Cultura e Arte da UFSC, Maria

de Lourdes Borges e o diretor da Editora da UFSC, Sérgio Medeiros, Dunn anunciou o conteúdo do seu livro, que poderá ser publicado pela universidade: estão previstos capítulos sobre Waly e Hélio Oiticica; imprensa alternativa; poesia marginal; Bahia, como referência da contracultura; as relações com o movimento Black Hill enquanto contracultura negra e as relações da contracultura com outros movimentos sociais. Essa ligação entre a experimentação estética do tropicalismo e a experimentação social, política e comportamental é, segundo Dunn, o que faz do tropicalismo um movimento ainda ressonante e fundamental para compreender a sociedade e a cultura brasileira hoje. 'Não podemos esquecer que no caldeirão da contracultura se engendrou o feminismo, o movimento ambientalista, negro, gay, enfim, uma série de movimentos emergentes que vieram desse contato dos tropicalistas com a cultura estrangeira'. (R.W.)

Museu dialoga sobre uso científico da cultura indígena

Na semana em que se comemorou o Dia Internacional de Museus, comunidade acadêmica sentou ao lado de representantes indígenas para propor relação mais ética entre a ciência branca e as culturas autóctones

Raquel Wandelli
Jornalista na SecArte

A busca de uma conduta acadêmica que respeite o direito das comunidades indígenas de se posicionarem sobre a exposição pública de elementos etnográficos da sua cultura colocou na mesma mesa pesquisadores da UFSC e lideranças Guarani. O debate "Retorno de coleções museológicas às comunidades de origem", ocorrido no dia 20 de maio no Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, resultou no acordo em torno de diversas medidas concretas para tornar a relação entre comunidade acadêmica e indígena mais ética, solidária e transparente.

O evento ocorreu no bojo dos eventos alusivos à 8ª Semana de Museus, sob o lema *Museus para a harmonia social*, em razão do Dia Internacional de Museus, comemorado no dia 18 de maio. Em todo mundo, a discussão sobre a exposição em museus de objetos místicos, religiosos ou etnográficos emerge no momento quando a comunidade científica reconhece que essa apropriação deveria partir de um diálogo respeitoso com as culturas de origem. Para garantir esse diálogo, o Museu deverá implementar um banco de dados em meio digital com as informações etnográficas coletadas pelos pesquisadores brancos de forma que possam ser compartilhadas e criticadas pelas nações indígenas.

Adaptação de um projeto canadense, a ideia foi exposta e desenvolvida pelo pesquisador Hans Peder Behling, doutorando e mestre em Ciências da Linguagem pela Unisul e professor universitário dos cursos de Comunicação Social da Furb e Univali. Além dele, participaram da mesa-redonda Aldo Litaiff, doutor em Antropologia e pesquisador do Museu da UFSC e Wanderlei Cardoso Moreira, representante da comunidade Guarani de Santa Catarina. Tupã demonstrou muito interesse pela parceria em torno do projeto de retorno das informações em "dados de computador" e concordou em participar da condução do



Foto: Carolina Dantas

processo. Na mesa redonda, Litaiff falou principalmente do direito das comunidades indígenas de terem retorno sobre o destino dado pelos pesquisadores brancos aos elementos de sua cultura.

A iniciativa da comunidade acadêmica mundial em busca do diálogo foi provocada pela consternação dos índios do Canadá, que se queixaram ao governo da interpretação dada a objetos de rituais sagrados, explicou Litaiff, que até o final do ano publica o primeiro livro sobre mitologia Guarani, composto por narrativas colhidas durante dois anos em aldeias do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo. O problema do respeito ao significado simbólico atribuído aos produtos culturais e da necessidade de entrar em acordo com os índios sobre a decisão de expô-los e de como expô-los em museus ganhou corpo com as pesquisas do professor Robert Creppeau, da Universidade de Montreal, que propôs o primeiro projeto integrado de informações etnográficas computadorizadas, conforme Litaiff.

Primeiros desenhos - O evento abriu com uma importante doação ao museu:

Na foto acima: Wanderlei Cardoso Moreira, representante da comunidade Guarani de Santa Catarina, e os pesquisadores Hans Peder Behling e Aldo Litaiff debatem com o público o "Retorno de coleções museológicas às comunidades de origem"

Ao lado, peças indígenas expostas no evento: o Mito da Criação do Mundo, a Mbaraka Mirim, o Ravé e o Petsyngua

um cidadão florianopolitano (que preferiu não se identificar) passou à diretora Teresa Fossari os primeiros desenhos de Franklin Cascaes, feitos a nanquim e depois coloridos, marcados por representação de frutas, flores e elementos da natureza da Ilha. A diretora de museologia Cristina Castelano anunciou para o final do ano a visita de Creppeau e de Ulpiano Bezerra Menezes, grandes nomes da antropologia para compor com Esther Djean Langdon, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, um seminário sobre a questão do diálogo entre as culturas.

No momento em que o Museu conclui sua reforma e ganha um grande



Fotos: Maria Luiza Gil



pavilhão de exposições, o debate com os índios marcou, segundo Litaiff, uma grande guinada de perfil do órgão como um laboratório de pesquisa e extensão mais integrado à universidade e à comunidade externa. "Se temos acervos da comunidade de Santa Catarina, queremos que seus membros nos ajudem a definir o destino e o significado dessas coleções". A instituição deverá atuar no sentido de promover o encontro das populações que trazem subsídios como lendas, mitos e cantos, com a comunidade acadêmica para que o museu ganhe vida, reforçou a pró-reitora de Cultura e Arte, Maria de Lourdes Borges.

Acervo recebe doação de caderno com desenhos coloridos de Franklin Cascaes

Mais de 50 anos após serem feitos, desenhos do artista chegam ao acervo do Museu Universitário

Fotos: Maria Luiza Gil

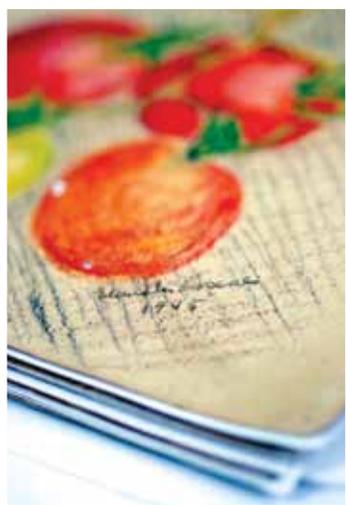


Foto: Divulgação / Museu Universitário



Ex-aluno do artista tomou emprestados os desenhos e, por não os ter devolvido a Franklin Cascaes, anos depois, doou-os ao museu



Conhecido pelas suas bruxas desenhadas com nanquim, Cascaes também pintava em cores. No entanto, até então, o Museu Universitário só tinha pinturas em preto e branco, sendo esta sua primeira e única obra colorida a ser guardada no museu da UFSC



No caderno constavam desenhos de frutos, flores, rostos e corpos, além de estudos de perspectiva datados da década de 40

Diagramação: Maria Luiza Gil
Bolsista de Jornalismo na Agecom

Ombudsman

Coerência e competência

Acompanho o *Jornal Universitário* da UFSC desde as primeiras edições, veículo por onde passaram alguns dos mais gabaritados profissionais da comunicação em Santa Catarina. Com altos e baixos, dificuldades e entaves, bons e maus momentos, a publicação seguiu seu caminho traçado naquele tempo: divulgar e discutir a produção científico-acadêmica da instituição nas diversas áreas, mostrar a produção do conhecimento e da tecnologia. Nunca foi um *Afinal*, um *Pasquim* ou um *Movimento*, mas continuou, perenemente, o veículo de expressão de diferentes opiniões da comunidade universitária.

Diferentemente do colega que me antecedeu neste espaço, não creio que o *JU* deva seguir o caminho da polêmica e da denúncia. Isso está mais para o jornal *Zero* do curso de Jornalismo da mesma UFSC, criado com outra proposta editorial, e outras publicações. Se conflitos existem e devam ser objeto de abordagem do jornal, então que ele seja apontado. Ou seja, é necessário definir exatamente a pauta, dar nomes aos bois e aos problemas.

Se for relevante e gerar o salutar debate das ideias contrárias, certamente a pauta será aceita. E o *JU* estará cumprindo seu papel.



Profissionais no *JU* não faltam, desde o editor Moacir Loth, passando por repórteres da dimensão de Arley Reis e Paulo Clóvis Schmitz, entre outros, o pessoal da fotografia, a turma do apoio e outros servidores. Aliás, o *JU* é tão somente um dos produtos gerados por essa equipe. Não foi apenas uma ou duas vezes que precisei, como repórter, de informações e fontes na UFSC, tendo sido prontamente atendido, como os demais colegas nas redações. Mas o alerta de quem me antecedeu tem sua validade, já que nenhum jornal pode abrir mão de uma característica: a de ser, sempre, instigante, sem ser provocador e, ao mesmo tempo, palpitante, ou seja, acrescentar novos conteúdos e debates, descobertas e ideias.

Celso Martins da Silveira Júnior
Jornalista e escritor

JU dos leitores

"Reforço os nossos parabéns à equipe da Agecom pelas excelentes matérias e diagramação do *Jornal Universitário*. Destaco a última edição de maio (410), pelas reportagens e beleza das fotos.

Um abraço a todos,
José Carlos da Cunha Petrus - Chefe de Gabinete"

Poesia

Nascido em 1883 na província de Entre Rios, na Argentina, Evaristo Carriego até pouco tempo não tinha nenhuma obra traduzida no Brasil. Claudio Cruz e Liliana Reales vieram reparar a injustiça: *Misas herejes*, de 1908, é agora lançado pela EdUFSC, com organização e tradução dos professores de Literatura da UFSC.

Os originais dividem as páginas com as traduções impecáveis, reafirmando o valor da obra do escritor que encantou também Jorge Luis Borges: o conterrâneo publicou análise de dois de seus livros.

Uma surpresa

E como um velho me tenho levado ao sossego, exceto - sempre o passado! - por algumas lembranças que no rosto me põem rugas de tristeza. Que assim seja, não me posso queixar: assim bem posto com meu cachimbo e minha cerveja.

Imagem



Fotos: Paulo Noronha e Joi Cletison

Estava tudo pronto para a primeira Sepex fora do campus da UFSC. O evento seria realizado nos dias 19 e 20 de maio, no Centro de Florianópolis, integrado às comemorações dos 50 anos da Universidade. No dia 18, equipamentos e materiais de 14 projetos foram levados para o local. Mas, durante a noite e madrugada, a chuva torrencial (o dobro do volume estimado para o mês de maio em uma única noite), danificou o piso de

madeira e carpet, encharcou materiais de divulgação e alcançou mais de 30 centímetros de altura, inviabilizando o evento. Diante da limitação de datas adequadas antes do final do semestre e prazo exíguo para encaminhamentos junto à Prefeitura Municipal de Florianópolis, a comissão organizadora decidiu pelo cancelamento. Outras estratégias de divulgação das ações da universidade continuam sendo planejadas.

Obra situa Onetti no pensamento filosófico contemporâneo

No ano do centenário de nascimento do uruguaio, pesquisadora salva das interpretações fechadas a obra de um dos mais expressivos autores de língua espanhola do século XX

Raquel Wandelli
Jornalista na SecArte

Juan Carlos Onetti é lido vulgarmente como autor de ficção marcada por um realismo cruel e descrente, de caráter niilista. A doutora em literatura e professora do Programa de Pós-Graduação e Literatura da UFSC, Liliana Reales, dispôs-se em seu pós-doutorado a desconstruir e desestabilizar os sentidos fechados atribuídos à obra desse escritor uruguaio, um dos mais expressivos autores de língua espanhola do século XX. Atrás das ressonâncias filosóficas de sua ficção, ergueu uma tese que o situa na ponta do pensamento contemporâneo, no que ele tem de mais essencial.

Resultado dessa investigação, *A Vigília da Escrita; Onetti e a desconstrução*, publicado pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, salva o romancista das leituras hermenêuticas que o tratam como um enigma a ser decifrado. E por fazer da leitura o próprio objeto da leitura, lança-o em um mar infinito de novas possibilidades de interpretações ou contra-interpretações. Ao analisar *Para uma tumba sin nombre* e *La vida breve*, Liliana arrasta para a ficção Onettiana — e para a sua própria tarefa de pensar a existência — a ficção filosófica de Nietzsche, Heidegger e Derrida como pensadores das questões mais dramáticas do nosso tempo, realizando o que o colega professor chama de festim trans-histórico.

A pretexto de ser um livro de crítica literária, *A Vigília* constitui-se assim como um conjunto de livros de ética, sabedoria e política, como define seu prefaciador, Wladimir Garcia. Lançado durante o I Simpósio Internacional de Literatura Juan Carlos Onetti, promovido em outubro pelo Núcleo de Juan Carlos Onetti de Estudos Literários Latino-americanos (Núcleo Onetti) da UFSC, tornou-se um dos eventos mais importantes entre as promoções ligadas ao ano do centenário

de nascimento do autor. Valendo-se da fala do personagem Jorge Malabia em *Para uma tumba sin nombre*, a autora escreve: "Um texto comunica a descontinuidade fundamental entre ele e quem o lê (...). A leitura e a escrita são um permanente deslocamento, um incessante desencontro, um jogo em que prevalece a interrogação, a dúvida, uma afirmação e uma negação, um *si pero no*".

Com um olhar que toca o texto literário e se deixa tocar por ele, Liliana joga com o leitor, dividindo com ele sua investigação criativa, reveladora de uma potência de pensamento e de produção de sentidos. É com uma escritura literária, refinada e minuciosa que convida o leitor para uma vigília sobre a escrita e sobre os pensamentos a que ela reenvia.

"Ler Onetti é ter que realizar um certo desvio de um lugar, da 'pátria', de uma série de seguranças para iniciar (e iniciar-se) em um estado de vigília"

Liliana Reales



Essa travessia implica sempre um deslocar o autor uruguaio do lugar em que costumava ser colocado pela crítica literária como um autor condicionado pela marca do exótico e do componente nacional e geográfico resumido na expressão literatura latinoamericana para lançá-lo no jogo infinito do processo interpretativo. "Ler Onetti é ter que realizar um certo desvio de um lugar, da 'pátria', da grei, ou seja, de uma série de seguranças para iniciar (e iniciar-se) em um estado de vigília", avisa ela em uma espécie de prólogo que chama de Advertência, mas é mais um convite ao risco e à aventura da viagem pelo mundo onettiano.

As formas e as cores do São Francisco

Fotos: Tatiana Kviatkoski

Mostra fotográfica é resultado de aventura da fotógrafa e documentarista Tatiana Kviatkoski de barco, balsa, a pé e de carro pelas margens do maior rio brasileiro

Raquel Wandelli
Jornalista na SecArte

“Feiras do Rio São Francisco” é o nome da exposição que esteve aberta à visitação pública no mês de maio no Hall da Reitoria da UFSC. A mostra foi fruto de uma viagem de 20 dias, em pleno verão, da fotógrafa e documentarista Tatiana Kviatkoski pelas margens do Rio São Francisco de barco, de balsa, a pé e de carro, da foz até a represa do Xingó. Na aventura, Tatiana produziu um rico álbum da gente que vive nas cidades ribeirinhas do São Chico, o maior rio brasileiro, que atravessa os estados da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Também mostra a agonia do rio, assoreado e contaminado pela represa e pela poluição. É ao mesmo tempo uma homenagem e uma denúncia.

Promovida pela Secretaria de Cultura e Arte (SeCarte) e Agência de Comunicação (Agecom) da UFSC, a exposição fotográfica itinerante mostra a riqueza biológica e cultural proporcionada pelo rio antes que morra pela exploração predatória e antes que os povoados ribeirinhos desapareçam engolidos com a inundação do mar provocada pela represa.

O colorido vibrante das frutas, a confusão dos produtos do campo rolando dos balaios, o coro dos feirantes, o vaivém dos barcos chegando com as mercadorias, os cães a farejar os restos, as rendas de linho de Entre Montes, os guris minguidos a distrair os feirantes pra lucrar uma guloseima... São cenas cotidianas e vivas das feiras que bordam as margens do São Francisco como cordões de gentes marcadas pelo sofrimento e pela alegria da vida sertaneja onde o trabalho escravo ainda é uma realidade.

Paranaense radicada em Florianópolis, a fotógrafa assistiu ao Festival Internacional de Jegue e pôde perceber a diferença e a semelhança entre a cultura açoriana e a nordestina. Nas feiras,

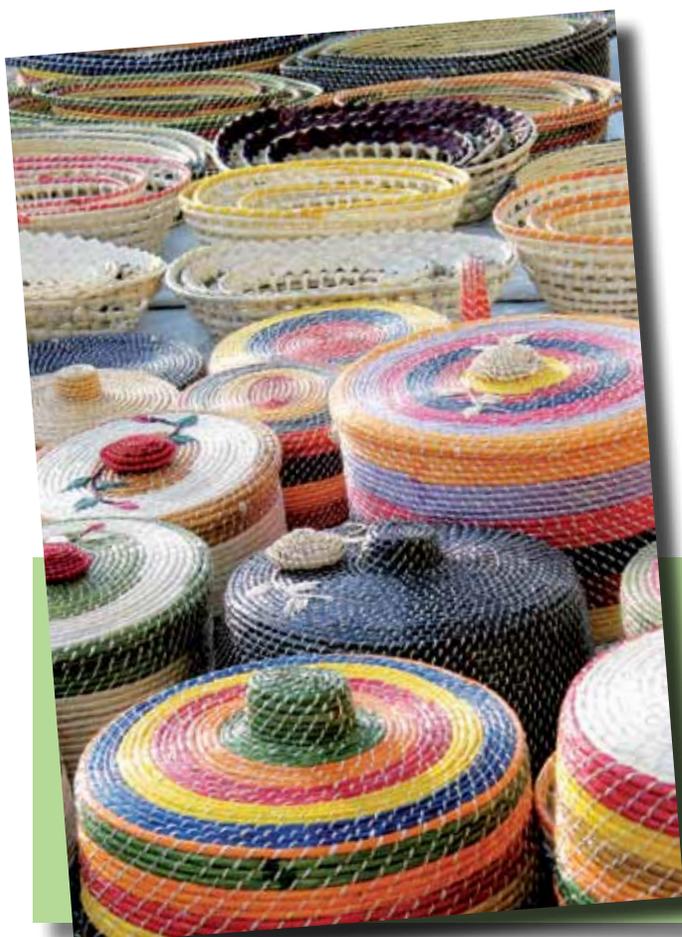
Tatiana e o também fotógrafo Joi Cletison viveram o dia a dia dos feirantes na montagem das barracas, no abate do gado, porcos e galinhas. Presenciaram o preparo da carne do sol e dos pratos típicos que são consumidos na própria feira. Nas primeiras cidades fundadas pelo português Américo Vespúcio no início do século XVI conheceram a malícia ingênua dos feirantes, a contação de causos, a partilha da cachacinha, as procissões. Em cada povoado, eram inebriados por uma profusão de cores, odores e sons que atestam a musicalidade do povo nordestino não importa o nível de pobreza.

Percorrendo caminhos aonde só se vai de jegue antes do mar subir, sempre costeando o rio, encontraram uma cidade com um presépio (lapinha) montado no meio do sertão e onde Lampião foi assassinado. Embora a cidade se chame Piranhas, não existe mais esse peixe no lugar por causa da salinidade que invade o rio. Muitos ecossistemas estão sendo destruídos por conta da poluição, do esgoto e da represa. Com a transposição de águas pelas hidrelétricas, o povoado do Cabeço, sede do primeiro telégrafo do São Chico, muito próspero no passado, desapareceu por inteiro. O farol já está mergulhado a uns cinco metros, sumiram duas igrejas, três campos de futebol, as escolas e a maioria das casas. Tudo engolido pelo mar. Sobrou uma única família. “Eu queria conhecer o rio São Francisco enquanto ainda é o que a gente pensa”, diz Tatiana, que está elaborando um documentário para denunciar a ameaça contra esse patrimônio da humanidade de onde tudo provém e para onde tudo retorna: ali as gentes pescam, se lavam, lavam a roupa e as panelas, bebem a água, navegam. “Até quando esse rio vai sobreviver?”, ela se pergunta.

Informações: (48)9608-6186 ou tatiostra@yahoo.com.br



Profusão de cores, odores e sons: Tatiana vivenciou a malícia ingênua dos feirantes, a contação de causos, a partilha da cachacinha e as procissões



“São cenas cotidianas e vivas das feiras que bordam as margens do São Francisco como cordões de gentes marcadas pelo sofrimento e pela alegria da vida sertaneja onde o trabalho escravo ainda é uma realidade”

